



APRENDIZAGEM COOPERATIVA: PRÁTICA PEDAGÓGICA AVALIATIVA, SOCIALIZADORA E DIFERENCIADA

COOPERATIVE LEARNING: EVALUATING, SOCIALIZING AND DIFFERENTIATED PEDAGOGICAL PRACTICE

BATTESTIN, Cláudia¹
PIOVEZANA, Leonel²
BUDIN, Jesse³
LANG, Greicy Gadler⁴

RESUMO

O presente artigo resulta de uma investigação de cunho teórico - bibliográfico seguido de observações e entrevistas realizadas em visitas na Escola Básica Municipal Clara Urmann Rosa localizada no município de Chapecó. O principal objetivo foi de identificar e analisar como se caracterizam as práticas de avaliação formativa nesta escola, e como estas contribuem para a melhoria do desempenho escolar dos estudantes. O texto dialoga com os professores e se constrói com o relato de experiências interativa da Rede Municipal envolvida no projeto de forma cooperativada: professores, estudantes, escola e comunidade. Constatamos que a metodologia da Aprendizagem Cooperativa é uma prática inovadora e com resultados positivos nos processos ensino aprendizagem e que o diferencial das práticas da escola está na cooperação, alteridade e promoção de humanidades.

PALAVRAS CHAVE: Aprendizagem; Práticas Pedagógicas; Escola; Avaliação; Práticas.

¹Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó / Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE. Chapecó, SC, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5234-592X>. e-mail: battestin@unochapeco.edu.br

²Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó / Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE. Chapecó, SC, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8577-319X>. e-mail: leonel@unochapeco.edu.br

³Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó / Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE. Chapecó, SC, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1499-0570>. e-mail: jessebudin@hotmail.com

⁴Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó / Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE. Chapecó, SC, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1570-293X>. e-mail: greicygadler@yahoo.com.br



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.49855

ABSTRACT

This article is the result of a theoretical - bibliographic investigation followed by observations and interviews carried out during visits to the Clara Urmann Rosa Basic School in the city of Chapecó. The main objective was to identify and analyze how formative assessment practices are characterized in this school, and how they contribute to improving students' academic performance. The text dialogues with the teachers and is constructed with the interactive experiences report of the Municipal Network involved in the project in a cooperative way: teachers, students, school and community. We found that the methodology of Cooperative Learning is an innovative practice with positive results in the teaching-learning processes and that the differential of school practices is in cooperation, alterity and the promotion of humanities.

KEYWORDS: Learning; Pedagogical practices; School; Evaluation; Practices.

INTRODUZINDO IDEIAS

A escrita deste artigo busca apresentar como a aprendizagem cooperativa pode ser um diferencial para pensar as práticas pedagógicas numa perspectiva socializadora e diferenciada. Conforme anunciado no título e resumo deste artigo, a aprendizagem cooperativa é um projeto em rede da Secretaria Municipal de Educação do município de Chapecó, Estado de Santa Catarina com vigência desde o ano de 2015⁵. O projeto constrói por meio do trabalho e conhecimentos socializados, uma dinâmica que respeita as diferenças e distintas maneiras de ensinar, aprender e também de avaliar. Foi criado a partir de uma demanda sociocultural-econômica-ambiental dos estudantes da periferia da cidade de Chapecó/SC, filhos e filhas de trabalhadores(as) em situações de pobreza, exposição à violência e de abandono familiar. Os professores da rede, em seus projetos pedagógicos práticos, estabelecem o diálogo entre a escola e comunidade nos processos ensino e aprendizagem.

Neste intuito, o objetivo da nossa pesquisa buscou identificar e analisar como se caracterizam as práticas de avaliação formativa na escola Básica Municipal de Chapecó Clara Urmann Rosa e como estas contribuem para a melhoria do desempenho escolar dos estudantes.

Com capacitações de docentes em rede, são realizados encontros que mostram a viabilidade e possibilidades de desenvolver o projeto e avaliações diferenciadas no processo de ensino nas escolas. Importante enfatizar que, todas as escolas podem

⁵O artigo é resultado do projeto - Em defesa da escola: práticas avaliativas e formativas, com recursos da FAPESC, Edital 06/2017 de apoio aos grupos de pesquisa das Instituições do Sistema ACAFE, desenvolvido pelos docentes e discentes do PPGE da Unochapecó.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.49855

participar, ficando a critério dos professores a aderência. Nos aproximamos da escola Básica Municipal de Chapecó Clara Urmann pelo fato da escola fazer parte do projeto com o Ensino Fundamental e ser próxima da Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Durante o ano de 2019 participamos e acompanhamos o desenvolvimento de algumas atividades desenvolvidas, sendo que a escola seguiu no ano de 2020, a mesma dinâmica, mesmo com atividades remotas. Isso demonstra o quanto a aprendizagem e a avaliação foram significativas, inclusive em tempos de pandemia.

Durante o acompanhamento do projeto, observamos que as atividades desenvolvidas na escola, mesmo que em turmas específicas, socializam e integram a comunidade escolar, pois as mesmas necessitam do conhecimento de todas as áreas e das aprendizagens não formais da vida e do cotidiano das pessoas. Os professores(as) integrantes do projeto integram o núcleo de educação com os articuladores(as) pedagógicos da rede. Os encontros para atualizações, estudos e socialização dos planos de aulas e os planos bimestrais, cujas temáticas curriculares e de ensino são definidas e compartilhadas, ocorrem a cada quinze dias.

O projeto político pedagógico é levado a sério pela escola, o que justifica a aprendizagem cooperativa, socializadora e diferenciada diante do processo de avaliação. Socializadora porque no ato de aprender, precisam de muitas pessoas que no caminho vão interferindo, ouvindo, propondo, construindo e desconstruindo, surgindo a necessidade de relatar e somar resultados. Diferenciada, não porque seja dotada de privilégios e sim pela especificidade do que é e apresenta. Uma aprendizagem que se faz pela característica do próprio grupo e de todos os elementos do entorno, do potencial ali existente somado com as demais contribuições de outros contextos sociais e culturais. Ao encontro desta perspectiva, Santos afirma que: "A Educação Diferenciada respeita e valoriza a cultura e os saberes do território, está conectada com a realidade local e global e promove autonomia buscando qualidade de vida de forma sustentável" (2007, p. 43).

Neste sentido, o artigo busca socializar a trajetória de um projeto construído e realizado pela comunidade escolar, considerado inovador e diferenciado. A escrita apresenta como as práticas pedagógicas e avaliativas foram pensadas, planejadas e desenvolvidas na escola Básica Municipal de Chapecó Clara Urmann Rosa. Também, como as experiências de aprendizagens foram tecidas de forma coletiva e dinâmica a partir da realidade dos estudantes do entorno escolar. Com um protagonismo diferenciado, ouvimos as vozes de duas professoras que vivem esse projeto além da sala de aula. Com a transcrição, o leitor(a) poderá identificar e reconhecer a emoção, as dificuldades e as possibilidades de uma avaliação formativa diferenciada.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.49855

PRÁTICA PEDAGÓGICAS E AVALIATIVAS DA ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL DE CHAPECÓ CLARA URMANN ROSA.

A escola que acompanhamos durante o desenvolvimento do projeto, Clara Urmann Rosa, está localizada no bairro Parque das Palmeiras no município de Chapecó. Atende aproximadamente 225 estudantes nos períodos matutino e vespertino, do 1º ao 7º ano. A estrutura física da escola é pequena, bem acolhedora e organizada. Possui sete salas de aula, uma biblioteca, uma quadra poliesportiva, cantina, secretaria, sala de apoio pedagógico, sala de recursos, sala de material para educação física e sala de informática. Bem arborizada e com plantas suspensas e ornamentação temática condizente com a idade dos estudantes. São cartazes com frases pedagógicas, com informes e materiais complementares às aulas. Um espaço simples, agradável e lúdico.

Acompanhamos o trabalho de duas professoras que aderiram e fazem parte do projeto piloto "Aprendizagem Cooperativa" enquanto proposta pedagógica das escolas da rede municipal de Chapecó, durante os meses de novembro e dezembro de 2019. A professora A, é formada em pedagogia, especialista em educação infantil e séries iniciais, e em docência no ensino superior. A professora B também é pedagoga e especialista em séries iniciais e educação infantil. Ambas aderiram ao projeto piloto em suas turmas do quarto e quinto ano.

A escola sempre foi muito receptiva com as nossas visitas, desde a direção à equipe administrativa e docente. Localizada numa região da cidade de Chapecó de vulnerabilidade social, as duas professoras entrevistadas identificam o grupo familiar dos estudantes como trabalhadores informais, desempregados e cuja maior fonte de renda está nos trabalhos de reciclagens do lixo urbano e nas agroindústrias do município. Sobre esse fator, a escola percebe que a desistência ou abandono dos estudos pelos estudantes está relacionada a violência doméstica e também na frequente mudança de endereço. Quando as providências são tomadas por parte da direção, os pais mudam as crianças de escola. Ao questionarmos a professora A sobre como era a realidade da sua turma, e quais os desafios diante destas dificuldades, a mesma nos conta os maiores desafios.

Na minha turma, são filhos de trabalhadores informais e na maioria desempregados e posso dizer, muita violência e desentendimentos com os filhos. Um dos fatos que doeu no meu coração: um aluno, ele se alfabetizou no primeiro mês de aula e em seguida faltou 15 dias consecutivos. Soubemos que os pais bateram tanto nele e ficou impossibilitado de vir para a escola. Ele era muito reprimido e quando a gente chegava perto dele, ele se esquivava de medo. Ele era um menino inteligente e tenho certeza que iria avançar muito nesse ano, ele aprendeu a ler em um mês e pouquinho. Confesso que ainda estou triste e me



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.49855

sentindo impotente com o fato. A família dele não tem nenhuma estrutura física, emocional, econômica e social. E a escola, como agir sem recursos? Como a gente começou a cobrar a família, eles resolveram tirá-lo da escola. Quando a gente começa a cobrar, as famílias tiram os filhos da escola e colocam em outro lugar.

Nas palavras de Aguado “um dos principais problemas da nossa sociedade é o crescente risco de isolamento e exclusão social” (2000, p. 31) e a escola acaba sendo um espaço estratégico para a diminuição e resistência diante dos problemas que chegam através dos estudantes e suas realidades. Por mais que sejam muitas as dificuldades encontradas no dia a dia da profissão docente, a professora A e B demonstram a possibilidade de transformação através do ensino, mostrando paixão pela profissão, pelo ato de educar e transformar. O projeto Piloto também veio como uma possibilidade das professoras se aproximarem mais dos estudantes. As professoras transparecem o quanto as atividades são prazerosas nesta modalidade, pois são menos cansativas para os estudantes também. Já que o projeto carrega o nome de cooperação, o dia escolhido para ser aplicado o projeto, foi a sexta feira. As professoras A e B explicam que:

Todas as sextas-feiras dividimos os grupos em conformidade com o que temos previamente planejado e organizado. Cuidamos muito para que os grupos sejam alternados e todos participem com todos e também, organizamos os monitores para estudantes com dificuldades de forma bem discreta. Com as atividades planejadas distribuo o que será feito no dia, por exemplo: trabalhar com cartazes, jogos pedagógicos, teatro, música, construção de paródia, enfim, tudo que possa despertar o interesse deles para melhor compreender a aprender a temática proposta. Muitas coisas vão surgindo e eles vão resolvendo, aprendendo e socializando.

Quanto a metodologia do projeto, da aplicabilidade em sala de aula, os estudantes são divididos em equipes. Cada grupo elege uma coordenação, um grupo para síntese, um para socialização e um para avaliação. Cada equipe recebe um caderno de anotações ou caderno de aprendizagem, anotando e relatando as atividades realizadas durante o dia de aula. São avaliados pela atividade, pelo desenvolvimento em grupo, a parte de socialização e a parte de organização. No final de cada bimestre as professoras A e B fazem uma autoavaliação, onde cada integrante dos grupos se manifesta sobre a importância das aulas e da necessidade de melhoras e mudanças.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.49855

Diante desta organização, as práticas de ensino passam a ser um diferencial das aulas práticas, e a professora B nos explica um pouco desta metodologia:

Escolhemos um tema de estudo com os alunos, desenvolvemos todo o projeto a partir do tema. Nosso trabalho é interdisciplinar, disponibilizamos muitos livros didáticos. Por exemplo, trabalhamos as histórias do Chico Bento, a zona urbana e a zona rural, com isso, os animais da zona urbana e os animais da zona rural, produtos da zona rural e da zona urbana, enfim, as questões relacionadas a zona rural e a zona urbana a partir das histórias do Chico Bento. Vejo que eles se sentem mais motivados, uma vez que eles mesmos ajudaram a construir o conteúdo. Contudo, existem conteúdos que há necessidade trabalhar, pois fazem parte de currículo, como por exemplo: os números ordinais até 10. Não adianta trabalhar os números pelos números, porque é muito abstrato e eles não conseguem entender, então fizemos uma olimpíada do 1º ano. Levamos eles para a quadra de esportes, fizemos gincana, competição. Tinha classificação, afinal eles tinham que competir para chegar no 1º, 2º e 3º lugar. Então todo o conteúdo, procuramos trabalhar com práticas e a compreensão foi muito boa, positiva. Contextualizamos os assuntos e depois vamos para a prática, contudo, queremos mudar, começar com a prática para que desperte a curiosidade neles.

Através destas experiências de aprendizado escolar, refletimos como a avaliação pode ser pensada e construída de forma coletiva e dinâmica. Uma vez que a avaliação deverá despertar curiosidade, criação, compreensão e relação com a realidade dos estudantes, para não cair no risco de cometer os equívocos das antigas práticas avaliativas que tinham enquanto intenção a penalização. Perrenoud (1999) contribuiu ao afirmar que, esse tipo de avaliação pode gerar um fracasso, empobrecer e enfraquecer as aprendizagens, induzindo estratégias totalmente utilitaristas e metódicas, provenientes de didáticas conservadoras e fechadas.

O processo de avaliação consiste em analisar a aprendizagem do conteúdo, que na ótica de Gasparin (2011), consiste em não demonstrar enquanto um novo tema para a realização de uma prova ou teste, mas sim, como expressão prática de que se apropriou de um conhecimento que se tornou um novo instrumento de compreensão da realidade e de transformação social.

Felizmente as formas de ensinar e avaliar foram sendo modificadas em muitos espaços de formação, uma vez que, os estudantes mudam, a sociedade muda e a escola também. Contemporaneamente, muitos estudantes assumem juntamente com os



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.49855

professores e a escola, suas capacidades de criação no processo de avaliação coletivo. Para que essa prática avaliativa seja possível, cabe ao professor analisar e verificar em que momento e em que contexto a avaliação deverá ser trabalhada.

Diante desta perspectiva, fica evidente a importância de se estabelecer relações com o que se conhece, aproximando as práticas e realidades para pensar a aprendizagem e a avaliação alinhados a realidade dos estudantes. Conforme relato da professora é um caminho metodológico e pedagógico muito importante. Nas atividades propostas pela escola, sempre é incentivado o trabalho em equipe, a colaboração, autonomia e a inclusão, fazendo com que os estudantes vivenciem experiências que levam a uma reflexão. Um exemplo pertinente é relatado pela professora B.

Quando temos estudantes com deficiência, sempre temos, quando cadeirante, o maior desafio é incluir nas atividades. Ao invés de incluir no mundo dos outros, procuramos incluir os outros no universo deste estudante. Geralmente quando fazemos atividades de cartazes, todos vamos para o chão, porque ali o cadeirante fica com as mesmas condições dos demais. O tema institucional do bimestre é sobre a paz, com isso, trabalhamos a paz no meio ambiente, a paz entre as pessoas e trabalhamos o respeito às pessoas com deficiência. Então com isso, perguntamos para eles: será que é deficiência ou eficiência, afinal, eles conseguem fazer muitas coisas. Possibilitamos a todos vivenciarem algumas deficiências, como a visual, de locomoção, de membros superiores. Questionamos como eles se sentem e se viram, como e quais as dificuldades em pintar com os pés, com a boca, justamente para trabalhar o respeito às diferenças.

Observamos que toda a articulação e aproximação das professoras com a realidade e necessidade dos estudantes, vem do respeito e do saber fazer pedagógico. Diante das necessidades de ampliar o diálogo com os estudantes e a comunidade, a escola buscou trabalhar com a temática: cultura da paz. Segundo as professoras A e B, o projeto está alinhado com o propósito da escola, pois a paz é praticada quando se percebe o outro, o estudante enquanto pessoa que busca alternativa, que busca um aconchego e proteção na escola. Então, o processo de avaliação da aprendizagem cooperada é sensível à reprovação e a favor da integralidade do aprendizado que observa os diferentes tempos e realidade de cada estudante. Sobre essa viabilidade, a professora A lembra que:



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.49855

Pelo fato de a escola estar localizada numa área de vulnerabilidade social, o projeto proporciona uma aproximação maior com os alunos; potencializam temas da realidade, como o que está sendo trabalhado: a cultura da paz. Por exemplo, ano de 2019 havia um aluno que não estava alfabetizado, contudo era excelente em matemática. A alternativa encontrada pela escola para não o reprovar, foi dar atendimento extraclasse e contra turno, reforçando e auxiliando na leitura. Conseguiu a promoção de série, já é um leitor. O que deu e vem dando certo, na minha percepção, são as atividades de aprendizagem desenvolvidas nos grupos. No início a gente se frustra, eles não eram nada sociáveis, o individualismo se sobrepunha e alguns não respeitavam as normas e o fazer coletivo. Muitas discussões e briguinhas, um queria mandar mais que o outro, não aceitavam a opinião do outro. Com o passar dos encontros, começam a mudar e tudo flui, eles sentam em grupos e se ajudam. Fico maravilhada em ver, eles produzem muito em grupo. No processo inicial é importante trabalhar alteridade, respeito, enfim, valores e humanidades.

Fica nítido observar que a aprendizagem cooperativa e colaborativa é uma metodologia que possibilita entender os acertos e os erros e também as responsabilidades. Larrosa ratifica que as experiências escolares remetem à vida, às coisas vivenciadas no dia a dia, que precisamos refletir, tomar posição, ser pessoas cidadãs para ocupar na sociedade espaços dignos de bem-estar e de bem viver. Para o autor:

A experiência escolar se refere ao que é experimentado no momento único em que escrever ou contar se tornam uma possibilidade; a experiência enquanto se aprende antes de ser de fato capaz de escrever ou contar, mas não apenas de (simplesmente) não ser capaz de escrever ou contar. Pense-se na criança que aprende a escrever. Antes de ser capaz de escrever, a criança tem (provavelmente) a experiência de não ser capaz, mas ela não experimenta a aprendizagem. Quando é capaz de escrever, talvez se lembre de seu aprendizado, mas não experimenta ela mesma a aprendizagem. A experiência escolar é experiência no momento que a habilidade de escrever (e, portanto, de não escrever) é experienciada como tal. As experiências escolares remetem à experiência de estar-no-meio de coisas, à experiência de um curso de vida interrompido em que novos cursos se tornam possíveis. Talvez tenha a ver com a experiência do conhecimento e habilidade depois de cometer um erro. (2018, p.56).

Além disso, nas palavras de Larrosa (2018), é importante que possamos fazer uma leitura com um olhar amoroso tanto para escola, como para a tradição pedagógica: algo



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.49855

que não é fácil nesses tempos em que está instalado o tópico da 'crítica da escola tradicional', em que a própria escola é declarada como enfadonha, obsoleta, ineficaz, inútil, anacrônica, etc. Nestas circunstâncias, a professora B reafirma que a afetividade é primordial para pensar a educação nas escolas.

Percebo que o aspecto afetivo é algo muito importante, temos que conquistar a criança na base da confiança. O único laço de afetividade, para a maioria, está na escola, em casa eles não possuem afeto da mãe e do pai, eles não sabem o que é um abraço. Muitas vezes, em algumas atividades de afetividade, eles resistem em participar, porque eles não conhecem o que é um abraço afetivo, o amor, infelizmente eles só conhecem violência. Convivem com a violência, com o pai preso e acham que vender drogas é normal, que não trabalhar é normal. No final do semestre passado fizemos uma festinha na escola e oferecemos muitas guloseimas, como brigadeiro e marshmallow. Algumas crianças comeram pela primeira vez um brigadeiro. Eles se sentiram felizes, importantes, valorizados. Escreveram cartinhas, dizendo que me amavam, ganhei muitos abraços. No início do ano eles não sabiam o que era afeto, um abraço, agora eles vêm no portão nos esperar e abraçar.

É através destas ações e de práticas pedagógicas inovadoras, que a avaliação passará a ganhar contornos distintos em termos de conhecimento. Avaliar para conhecer o estudante, para conhecer o processo relacional em que está situada a escola, a comunidade, a família e o próprio sujeito, são um dos desafios possíveis da avaliação. Para Larrosa (2016), a experiência é um espaço onde tem lugar para os acontecimentos, em que os sujeitos possam definir suas atividades através da disponibilidade, receptividade e abertura para o que sente e percebe. Nesta perspectiva de pensar a avaliação enquanto um processo de experiência, perguntamos para professora A se havia uma avaliação específica para os estudantes, ela afirma o seguinte:



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.49855

Tudo o que eles estão fazendo eu estou avaliando. Às vezes eles não vão responder exatamente da maneira que eu ensinei, mas sim da maneira que eles entenderam e eu sempre procuro compreender e validar tudo que vem de positivo, porque foi da forma que eles absorveram o conhecimento naquele momento. Então pesquiso e faço os apontamentos para melhorias. Não vou dizer que é um mar de rosas, ou mil maravilhas, porque não é. Têm alguns alunos que possuem dificuldades extremas, eles tentam. No dia em que eles estão a fim de aprender, mas tem outros que não querem nada com nada, a dificuldade é grande. Alguns professores não se importam com a parte afetiva, querem que o aluno aprenda matemática num dia em que viu o pai bater na mãe, o aluno não vai conseguir aprender nada, afinal, ele está com a cabecinha cheia de problemas. Casos de violência são muito frequentes. Nós professores, precisamos olhar além do aluno, além de encher caderno.

Na ótica de Araújo e Frigotto (2015) as práticas integradoras devem ser organizadas visando sempre a autonomia do estudante, problematizando a realidade juntamente com os conteúdos. Pensar o currículo integrado implica repensar a organização curricular e as práticas pedagógicas numa perspectiva que seja capaz de redefinir a organização do ensino, em que os estudantes sejam provocados e integrados a perceber e resolver problemas a partir da realidade da escola e comunidade. Neste viés, as professoras A e B buscam realizar práticas pedagógicas integradoras conforme a realidade do estudante na maioria das atividades desenvolvidas no projeto, a professora B recorda:

Uma aluna desenvolveu em casa uma receita de bolacha que era do tempo da sua avó e dividiu com a turma, todos provaram e aprovaram, gostaram e se interessaram em copiar a receita. Eles pesquisam, pedem, conversam com o avô e avó, pedem para o pai e para mãe, não é só uma pesquisa, é cooperação, educação, valorização. A gente se sente feliz, com uma sensação de tarefa cumprida, vale a pena!

As sintetizações de todas essas atividades são compartilhadas nos encontros com a secretaria municipal de educação a cada quinze dias, neste momento todas as escolas que aderiram ao projeto piloto, socializam e apresentam as atividades realizadas. A articuladora pedagógica da secretaria municipal de educação, conduz o encontro articulando as atividades e o diferencial dos estudantes ao inovarem e planejarem as ações, observando sempre as propostas da Base Nacional Comum Curricular. Perguntamos para as professoras A e B o que as mesmas achavam desses encontros.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.49855

Tem coisas que ainda não conseguimos dar conta. Em nossos encontros com os outros professores e articuladora, planejamos muito, afinal são muitos professores envolvidos e pensando ao mesmo tempo. São 15 professores engajados com o projeto na rede municipal e muitas informações, conhecimentos, que com 40 horas aula semanais acaba ficando bastante puxado. São interessantes as trocas de experiências, coisas que alguns fizeram ano passado e a gente repete esse ano, complementamos e dá certo. Por exemplo, na disciplina de história, como é toda a história do Brasil no quinto ano, trabalhamos nos grupos as questões relacionadas à cultura, divisão política, culinária dos imigrantes. Cada grupo pega uma temática, fazem cartazes, trazem para a aula comidas típicas e objetos de suas etnias, como dos alemães, italianos, cabocla, indígena. Apesar de não serem tão antigos estes objetos, anos de 1960-70, para eles parece ser algo muito antigo. Valorizo estes objetos com suas histórias e contextos. Por exemplo: uma fita cassete que era de um avô, uma fita de vídeo e ninguém sabia o que eram essas coisas, pratinhos de prata para apoiar velas para iluminação de ambientes, a boneca da avó que era feita de palha de milho e de pano. Essas aulas rendem e se aprende muito. Então relacionamos as coisas do presente – passado – presente e discutimos juntos com críticas e valores.

O projeto piloto “Aprendizagem cooperativa” mostra através dos relatos das professoras e de nossas observações, o quando é possível fazer a diferença em um processo de aprendizagem. Já dizia Panitz (1997) que a aprendizagem cooperativa ultrapassa técnicas realizadas em sala de aula, passa a ser uma forma de ver e compreender o mundo, pois é neste espaço de aprendizagem que se reúnem situações e pessoas de diferentes realidades, podendo o mediador, destacar as competências e contribuições de cada estudante.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Ao finalizar esta escrita, sentimos a necessidade de seguir escrevendo e pesquisando sobre a temática, também de dialogar mais com a escola. Experiências como essa, podem contribuir para que possamos rever nossos conceitos e perspectivas, que são construídas na maioria das vezes, na Universidade. Um projeto como esse, contribui para construir e reconstruir nossas práticas e teorias, num verdadeiro exercício da práxis. Poder ver a experiência e o sentido, permite pensar em outros efeitos de ensino e realidade. Larrosa já afirmava “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação” (2016, p. 28).



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.49855

Sentimos também, que muito ainda precisa ser dito sobre iniciativas como essa, pois a aprendizagem cooperativa, a prática pedagógica socializadora e diferenciada, mostram como professores (as) protagonistas, articuladas com a escola e realidade da comunidade, podem fazer a diferença. Observamos a importância do projeto se desenvolver na motivação, criatividade e interesse na busca de novos conhecimentos e inovação, requisitos para o sucesso. Porém, é necessária formação, tempo de estudo e de pesquisa, não ignorando o fator financeiro, que acaba comprometendo algumas atividades durante o processo.

Nesta perspectiva, observamos nas falas e relatos das professoras, tanto no desenvolvimento do projeto em rede, como no desenvolvimento com a comunidade escolar, o respeito e a compreensão da realidade comunitária, fatores esses, capazes de direcionar cuidados e atenção para com a vida do estudante, capazes de resultar em uma avaliação e aprendizado diferenciados.

Observamos também, que o diferencial das práticas da escola está na cooperação, alteridade e promoção de humanidades, diríamos, na construção de humanidades e de respeito às pessoas e mesmo, no desenvolvimento e reconhecimento de territorialidades nas reflexões a partir das relações de poder que se estabelecem entre as pessoas, sejam colegas de aula, docentes, direção e comunidade, para assim, respeitar, conhecer, produzir e amar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. Revista educação em questão. Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, maio/ago. 2015.

AGUADO, María José Díaz. A Educação Intercultural e Aprendizagem Cooperativa. Porto: Porto Editora, 2000.

GASPARIN, João Luiz. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

LARROSA, Jorge (Org.). Elogio da escola. Belo horizonte: Autêntica, 2018.

LARROSA, Jorge. Tremores. Escritos sobre a Experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação educacional: pressupostos educacionais. Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, ano 7, n. 24, p. 5-8, set./out. 1978.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.49855

PERRENOUD, Phillipe. Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PANITZ, Theodore. Collaborative Versus Cooperative Learning: Comparing the Two Definitions Helps Understand the nature of Interactive learning. [online].1997. Acesso em 20 de março de 2020, disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED448443.pdf>

SANTOS, Milton. O Espaço do Cidadão. 7 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

Recebido em 02 de abril de 2020

Aceito em 15 de março de 2021



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença [Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.